

## DISCURSO V

### CONHECIMENTO GERAL VISTO COMO UMA FILOSOFIA<sup>1</sup>

## DISCOURSE V

### GENERAL KNOWLEDGE VIEWED AS ONE PHILOSOPHY

#### INTRODUÇÃO

O filósofo e teólogo britânico John Henry Newman (1801-1890) é reconhecido internacionalmente como uma das grandes autoridades religiosas do século XIX tanto do mundo Católico Romano quanto do mundo Anglicano. Suas obras são vastas, sendo algumas delas dignas de nota, como: "Ensaio sobre o Desenvolvimento da Doutrina Cristã" (1845), "Apologia Pro Vita Sua" (1864), entre tantas outras. A tradução que se segue, *General knowledge viewed as one Philosophy*, faz parte de seus vários discursos sobre a educação superior e compõe uma obra de título *Discourses on the scope and nature of University Education*, endereçada aos católicos de Dublin na época em que Newman fora Reitor da Universidade Católica da Irlanda, publicada em 1852.

Nesse discurso em específico, que é o V, Newman destacou a necessidade de uma educação universitária que não fosse baseada apenas em habilidades técnicas, mas sim em um conhecimento completo, amplo e unificado do mundo. Esse “conhecimento geral” deve incluir tanto o conhecimento especializado quanto conhecimentos gerais, como uma espécie de filosofia unificadora que liga as várias disciplinas e campos de estudo. O discurso é uma reflexão profunda sobre a natureza e o valor do conhecimento em geral. Newman argumenta que todas as áreas do conhecimento estão interconectadas e, portanto, devem ser vistas como um todo, em vez de serem estudadas isoladamente, já que o conhecimento deve ser buscado por sua própria causa, e não apenas como um meio para um fim específico.

Newman argumenta que a educação deve ser uma busca pelo conhecimento completo e abrangente, que inclui tanto o conhecimento especializado quanto o conhecimento geral. Ele vê

---

<sup>1</sup> A edição usada da obra é uma versão digitalizada: E-Texts for Victorianists e tem como editor o Dr. Alfred J. Drake. A obra digitalizada foi editada por James Duffy, em Dublin, de 1852 e a data de sua digitalização é 20 de dezembro de 2001 e está disponível nos ambientes virtuais (informações oferecidas pelo editor A. J. Drake). O texto foi traduzido de maneira a preservar a essência e o significado das ideias de Newman, ao mesmo tempo em que se busca uma linguagem acessível e fluente, facilitando a compreensão do discurso e tornando-o mais acessível a um público contemporâneo. Este critério de tradução visa garantir que as reflexões profundas de Newman sobre a educação universitária e a natureza do conhecimento sejam transmitidas de forma clara e comprehensível, permitindo que suas ideias continuem a inspirar e influenciar o pensamento educacional atual.

o conhecimento geral como uma espécie de filosofia unificadora que liga as várias disciplinas e campos de estudo em um todo coerente e completo.

A assembleia das Ciências, que juntas formam o Conhecimento Universal, não é um amontoado diversificado ou acidental de aquisições, mas um sistema; e pode ser dito que está *in equilibria* desde que todas as suas porções estejam asseguradas nele. Tire um deles, um que é tão importante no catálogo, como a Teologia, e a desordem e a ruína acontecem de uma só vez. Não há um meio termo entre um *equilibrium* e uma confusão caótica: uma ciência está sempre pressionando outra, a menos que seja mantida sob controle; e a única garantia da Verdade é o cultivo de todas elas. E tal é o ofício de uma Universidade (**Tradução nossa**).

Newman também enfatiza a importância da educação liberal, que visa desenvolver o intelecto e a capacidade de pensar criticamente, em vez de apenas fornecer habilidades práticas para a vida cotidiana.

Ele argumenta que a Universidade deve ser vista como um lar: “uma Universidade é o lar, é a mansão da boa família das Ciências, todas irmãs, sorelamente (*sisterly*) em suas disposições mútuas” (**tradução nossa**), uma comunidade que tem como objetivo principal a formação integral do indivíduo, incentivando o desenvolvimento do raciocínio crítico, da imaginação e da capacidade de julgamento. Nesse sentido, ele critica a abordagem fragmentada e utilitarista do conhecimento que predominava em sua época.

Consideramos que todas as coisas se elevam a uma completude, que há uma ordem, precedência e harmonia nos ramos do conhecimento uns com os outros, assim como um por um, e que destruir essa estrutura é tão antifilosófico em um curso de educação quanto é anticientífico nas porções separadas dela. (Tradução nossa).

A obra de Newman é um importante legado para a educação, contribuindo para reflexões sobre o papel das universidades e a importância da formação integral dos indivíduos na sociedade.

## DISCURSO V

[135] Ultimamente, tem-se prevalecido a noção que: opiniões religiosas, por uma questão de necessidade, não entrem, em qualquer medida, no tratamento de assuntos científicos ou literários. É suposto que, qualquer que possa ser a convicção de um professor, cristão ou não, ou qualquer tipo ou grau de Cristianismo, não precisa mesmo ser revelado nas preleções ou

publicações próprias de seu ofício. O que quer que ele sustente a respeito do Ser Supremo, Seus atributos e Suas obras, seja verdade ou erro, não o torna melhor ou pior em experimento ou especulação. Ele pode discorrer, com igual precisão e proveito, sobre plantas, insetos, pássaros, os poderes da mente, línguas, documentos históricos, literatura, ou qualquer outra questão de fato; ou seja, tudo quanto ele possa determinar sobre questões que são inteiramente distintos entre si.

Em resposta a essa representação, contestei, na última semana [136], que uma desunião positiva toma lugar entre a Teologia e a Ciência Secular sempre que elas não estão realmente unidas. Aqui, não estar em paz é estar em guerra e, por esta razão: A assembleia das Ciências, que juntas formam o Conhecimento Universal, não é um amontoado diversificado ou acidental de aquisições, mas um sistema; e pode ser dito que está *in equilibria* desde que todas as suas porções estejam asseguradas nele. Tire um deles, um que é tão importante no catálogo, como a Teologia, e a desordem e a ruína acontecem de uma só vez. Não há um meio termo entre um *equilibrium* e uma confusão caótica: uma ciência está sempre pressionando outra, a menos que seja mantida sob controle; e a única garantia da Verdade é o cultivo de todas elas. E tal é o ofício de uma Universidade.

Muito diferente, é claro, são os sentimentos dos patronos do divórcio entre Conhecimento Religioso e Secular. Vejam que, há vinte e cinco anos, já se defendia formalmente a extinção, pois, daquele tipo de Instituição formidável – tão formidável quanto uma série de alto intelectuais capazes de tornar qualquer paradoxo ou paralogismo, formidáveis – que foi, depois, configurada em Londres sobre a base de tal separação. O paladino natural e especial da então Universidade de Londres e do princípio que ela representava foi uma célebre Resenha que existia na época, e que suponho ainda permanecer no topo de nossa literatura periódica. Nesta publicação específica de que me refiro, um artigo foi dedicado à exculpação [137] da Instituição em questão, desde as acusações ou suspeitas que incorreram em consequência do princípio sobre o qual ela foi fundada. O autor da resenha contemplava, constantemente, a ideia de uma Universidade sem religião: “Desde os púlpitos, às visitas a jantares, em inumeráveis salas de combinações; a lamúria...” – ele dizia – “... é ecoada e repercutida: uma Universidade sem religião”; sendo seguidas de uma ou duas ilustrações simples.

Escrevendo como ele faz, com vivacidade e perspicácia, além de um profissionalismo e seriedade na argumentação, o autor da resenha mal pode ser citado, devido à gravidade que convém a presente discussão. Perdoem-me, cavalheiros, se, em meu desejo de fazer justiça a

ele e à sua causa, ao usar suas próprias palavras, eu o permito interromper o fluxo equável de nossa discussão com alegrias de outrora; e, a fim de evitar tanto quanto possível ter que alternar entre ambos os estilos, o dele e o meu, começarei com a ilustração menos vivaz. “Tome o caso” – ele diz – “de um jovem estudante, vamos supor, de cirurgia, residente em Londres. Ele deseja tornar-se mestre de sua profissão, sem negligenciar outros ramos úteis do conhecimento. De manhã, ele assiste à Preleção do Sr. McCulloch sobre Economia Política. Ele, então, se dirige ao hospital e ouve o Sr. Astley Cooper explicar o modo de reduzir fraturas. À tarde, ele participa de uma das aulas que o Sr. Hamilton ministra em francês ou alemão [138]. Com relação às observâncias religiosas, ele pode seguir a si mesmo ou aqueles em que ele confia, de acordo como o que ele achar ser o mais aconselhável. Há qualquer coisa objetável nisso? Não é o caso mais comum do mundo? E no que isso difere de um jovem da Universidade de Londres? Nosso cirurgião, é verdade, terá que percorrer meia Londres em busca de seus instrutores [...] É na situação local que mora o mal?”<sup>2</sup> Eis o argumento. É preciso apontar a falácia? Seja lá o que se possa dizer da Economia Política, de qualquer modo, uma operação cirúrgica não é um ramo do conhecimento, nem um processo de argumentação, nem uma inferência, nem uma investigação, nem uma análise, nem uma indução, nem uma abstração ou outro exercício intelectual: é uma questão prática grave. Uma vez mais, a cartilha, o livro de ortografia, a gramática, a interpretação e a análise, mal são provas da razão, imaginação, gosto ou julgamento; dificilmente se pode dizer que eles tenham a verdade como seu objetivo em geral; de qualquer forma, eles pertencem ao primeiro estágio de desenvolvimento mental, à escola, e não à Universidade. Nem a redução de fraturas, nem o método Hamiltoniano podem ser considerados um ramo da Filosofia; pois não é mais incrível que testes como o de habilidade ou de memória, consigam seguramente dispensar a Teologia para sua perfeição, do que aquilo que é desnecessário para a prática da artilharia ou da arte da caligrafia.

Sobre essa ilustração do resenhista, isso é tudo [139], a outra é ainda mais infeliz, na medida em que é mais insultuosa, de acordo com nossa visão do assunto. “Haveria alguém entre esses” – ele pergunta – “que não censuraria a Universidade de Londres por causa disso: filhas educadas em casa, e atendidas por diferentes professores? O mestre de música, um bom protestante, chega às doze; o professor de dança, um filósofo francês, às duas; o mestre italiano, um devoto do sangue de São Januário, às três. Os pais assumem, eles mesmos, o ofício de instruir seus filhos na religião. Ela ouve os pregadores que eles preferem e lê as obras teológicas

---

<sup>2</sup> Edinburgh Review, Feb., 1826 [Nota do Autor, doravante será notado apenas como N. do A.].

que eles colocam em suas mãos. Quem pode negar que este é o caso em inúmeras famílias? Quem pode apontar qualquer diferença substancial entre a situação em que essa garota está e a de uma pupila da nova Universidade?" Desconsiderando o aspecto jocoso desse milagre, qual seja, o escritor não ter dado crédito nem a ele mesmo, quiçá a outros; olhando simplesmente para o seu argumento, eu pergunto: não é pueril insinuar que música, dança ou aulas de italiano têm algo a ver com Filosofia? É certo que tais autores nem alcancem à própria ideia de uma Universidade. Eles a consideram uma espécie de bazar, ou *pantechicon*<sup>3</sup>, no qual mercadorias de todos os tipos são amontoadas em barracas independentes umas das outras para poupar aos compradores o trabalho de correr de loja em loja; ou um hotel ou hospedaria, onde todas as profissões e classes têm liberdade para se reunir [140], variando, porém, a depender da época; cada uma é estranha a outra, bem como ao seu próprio trabalho e satisfação; ao passo que, se julgarmos corretamente, uma Universidade é o lar, é a mansão da boa família das Ciências, todas irmãs, sorelamente (*sisterly*) em suas disposições mútuas.

Essa, eu digo, é a teoria que se recomendava à mente pública dessa época e é o princípio motor de seus empreendimentos. E mesmo que o próprio instinto do intelecto de que mencionei semana passada – que impele cada ciência a estender-se tanto quanto ela pode – leve, quando satisfeita, à confusão da Filosofia em geral; ele ainda pode ensinar os apoiadores de tal teoria uma visão mais verdadeira da questão. Parece, como observei, que a mente humana está sempre buscando sistematizar seu conhecimento, baseá-lo em princípios e encontrar uma ciência abrangente de todas as ciências. E antes de renunciar à gratificação desse apetite moral, ela começa com qualquer conhecimento ou ciência que lha convém, e faz com que esse conhecimento sirva como regra ou medida do universo na falta de uma melhor, preferindo a completude e a precisão da intolerância a um ceticismo flutuante e desabrigado. Que contraste singular há aqui entre natureza e teoria! Vemos o intelecto neste caso, que tão logo em tudo se move, movendo-se diretamente contra seus próprios conceitos e falsidades, e os perturbando espontaneamente, sem esforço e de uma só vez. Ele testemunha uma grande [141] verdade, apesar de suas próprias profissões e compromissos. Tem-se garantido, em nome dos patronos de nossas modernas Faculdades e Universidades, que não haja e nem deveria haver qualquer sistema ou filosofia no conhecimento e em sua transmissão; mas que a Educação Liberal, doravante, deveria ser um amontoado meramente fortuito de aquisições e realizações; no

---

<sup>3</sup> *Pantechicon* é uma palavra de origem grega que significa "lugar onde se guardam todos os objetos", ou seja, um depósito ou armazém para armazenar uma grande variedade de mercadorias. O termo também foi usado no passado para se referir a um tipo de veículo de transporte usado para mover objetos grandes ou pesados, como móveis [Nota do Tradutor, doravante será notado apenas como N. do T.].

entanto, aqui, como tantas vezes acontece em outros lugares, a natureza é forte demais para a arte. Ela rompe violenta e perigosamente por entre os obstáculos artificiais colocados sobre ela e exerce seus justos direitos de maneira errada, uma vez que não consegue exercê-los corretamente. Usurpadores e tiranos são os sucessores de governantes legítimos enviados ao exílio. Em seguida, o Juízo Privado avança em direção aos implementos desta ou daquela ciência, para fazer um trabalho realmente imperativo, mesmo além de seus poderes. Ele reconhece a necessidade de princípios gerais e ideias constituintes ao tomar umas por falsas, e assim está sempre impedindo e prevenindo a unidade, enquanto está sempre tentando e, por esse meio, testemunhando-a. Das muitas vozes que gritam: "Ordem" e "Silêncio", seguem-se barulho e tumulto. Da própria multiplicidade e diversidade dos esforços pela unidade em todos os lados, foi justamente essa era prática que regurgitou completamente a noção dela.

E qual é a consequência? Que as obras da época não são o desenvolvimento de princípios definidos, mas resultados acidentais de ações discordantes e simultâneas de comitês e conselhos compostos por homens, cada um com seus próprios interesses e visões [142], e, para conseguir algo à sua maneira, são obrigados a sacrificar um bom ideal para qualquer outra coisa. Desde causas tão adventícias e contraditórias, quem pode prever a última produção? Por isso é que aquelas obras têm tão pouca vida permanente nelas, porque elas não são fundadas em princípios e ideias. As ideias são a vida das instituições sociais, políticas e literárias; mas os excessos do Julgamento Privado, na persecução de suas teorias multiformes, têm feito homens doentes por cumprimento de uma verdade que eles reconheceram muito depois que eram capazes de realizá-la. Hoje em dia, eles golpeiam a vida fora das instituições que herdaram, através de suas alterações e adaptações. Quanto às suas próprias criações, estas são uma espécie de monstro, com mãos, pés e troncos moldados em tipos distintos. Sua inteireza, se a palavra é para ser usada, é uma acumulação desde fora, não o crescimento de um princípio de dentro. Assim, como eu disse agora pouco, sua ideia de uma Universidade é uma espécie de bazar ou hotel, onde tudo é exibicionismo, autossuficiente e mutável. "Colcha de retalhos é o único traje". A majestosa visão da Idade Média, que cresceu constantemente até a perfeição no decorrer dos séculos como: a Universidade de Paris, Bolonha ou Oxford, quase desapareceu na noite. Uma abrangência filosófica, uma expansividade ordenada, uma edificação elástica, os homens perderam e não conseguem entender por que. Isto ocorre em função de que perderam a ideia de unidade: porque cortam a cabeça de um [143] ser vivo e pensam que está perfeito,

exceto a cabeça. Eles pensam na cabeça como um extra, uma realização, a *corona operis*<sup>4</sup>, não essencial para a ideia do ser sob suas mãos. Eles parecem copiar os espécimes inferiores da natureza animada, que com suas asas arrancadas, ou um alfinete atravessado, ou comidos por inimigos parasitas, caminham inconscientes de seu estado de desvantagem. Eles pensam que, se conseguirem juntar fundos suficientes, construir um prédio muito grande, garantir um número de homens capazes e organizar em uma única localidade, como diz o autor da resenha, um conjunto de salas de aula distintas, eles fundaram imediatamente uma Universidade. Uma ideia, uma visão, um objeto indivisível que não admite mais ou menos uma forma que não pode se fundir com mais nada, um princípio intelectual que se expande em um todo harmonioso e consistente – em suma, a Mente, no verdadeiro sentido da palavra; eles são, com efeito, muito práticos para perder tempo com tais devaneios!

Nosso caminho, cavalheiros, é bem diferente. Adotamos um método fundado na natureza do homem e na necessidade das coisas, exemplificado, em tudo, em qualquer uma das grandes obras morais, usado instintivamente por todos os homens no curso da vida diária; não obstante nossos oponentes, além de não conseguirem reconhecê-lo, descartam-no, pois perderam a verdadeira chave para exercê-lo. Começamos com uma ideia que educamos com base em um modelo; fazemos uso dela conforme a natureza orienta: da faculdade que chamei de apreensão intelectual das coisas ou sentido interior, e o que [144] devo mostrar mais adiante é o que realmente se queria dizer com a palavra 'Filosofia'. A própria Ciência é um espécime do exercício dela; pois a essência dela é essa formação mental. Uma ciência não é apenas conhecimento, é conhecimento que passou por um processo de digestão intelectual. É a apreensão de muitas coisas reunidas em uma, e daí vem o seu poder; pois, propriamente falando, é a Ciência que é poder, não o Conhecimento<sup>5</sup>. "Bem, então, é assim que Católicos agem em direção às Ciências tomadas todas juntas; nós as vemos como unidas e damos-lhas uma ideia; o que é isso senão uma extensão e aperfeiçoamento, em uma era que se orgulha de seus gênios científicos, daquele processo mesmo pelo qual a ciência está em tudo? Imagine uma ciência das ciências, e você teria alcançado a verdadeira noção do escopo de uma Universidade. Consideraremos que todas as coisas se elevam a uma completude, que há uma ordem, precedência e harmonia nos ramos do conhecimento uns com os outros, assim como um por um, e que destruir essa estrutura é tão antifilosófico em um curso de educação quanto é anticientífico nas

---

<sup>4</sup> *Corona Operis* em tradução literal é: coroa do trabalho, mas no contexto ela está sendo usada para se referir a algo que não é essencial ou fundamental para a ideia. [N. do T.]

<sup>5</sup> Crítica a Francis Bacon [N. do T.].

porções separadas dela. Formamos e fixamos as Ciências em um círculo e sistema, e damos-lhas um centro e um objetivo, ao contrário de deixá-las vaguear para cima e para baixo em uma espécie de confusão desesperada. Em outras palavras, para usar uma linguagem escolástica, damos, às várias buscas e objetos sobre os quais o intelecto é empregado, uma *forma*; pois é a peculiaridade de uma forma que reúne em um, e separam [145] todas as coisas outras, os materiais sobre os quais é impresso.

Aqui, cavalheiros, corro o risco de uma dupla inconveniência, a saber, alongar-me sobre o que é muito obscuro, como um ponto do escolasticismo; ou, ao usar uma linguagem familiar, ser muito óbvio para uma platéia filosófica e experiente que espera de mim algo que não seja rudimentar de um lado, nem técnico do outro. E por essa razão, em vez de incorrer na chance de quedar, sendo deficiente em minha exposição da questão para qual eu advogo, quero apelar para vossa indulgência a fim de que me permitam fazer uso de uma ilustração familiar de um termo bem escolástico.

Por exemplo, todos nós entendemos que um Ofício Litúrgico é uma unidade, e que ele é composto de muitas coisas, algumas essenciais, mas todas subordinadas ele. Sua essência é a elevação do coração a Deus; se não for mais do que isso, ainda assim é suficiente, e nada mais é necessário. Mas quando ele é concretizado num rito solene ou ceremonial público, a essência é a mesma e é nessa ocasião, eu suponho – seja a Bênção do Santíssimo Sacramento ou uma devoção em honra a algum Santo –, que ela ainda está lá, primeiro, na elevação, não de um coração, mas de muitos de uma só vez; em seguida, na devoção, não só de corações, mas também de corpos, não só de olhos, ou de mãos, ou vozes, ou joelhos, mas de todo o homem; e em seguida, a devoção passa para mais do que alma e corpo; há ali [146] vestes ricas e radiantes, símbolos do rito, flores odoríferas, uma luz transbordante, uma nuvem de incenso, música alegre e solene de instrumentos, assim como de vozes, até que todos os sentidos transbordem com a ideia de devoção. Como, perguntam os Protestantes, a música, o incenso, as velas, as flores, as vestimentas, as palavras faladas, as genuflexões são devoções? Isolados, nenhum deles. E o que as velas têm a ver com flores? Ou as flores com vestimentas? Ou as vestimentas com música? Nada mesmo; cada um é distinto em si mesmo e independente dos demais. As flores são obra da natureza e são elaboradas no jardim; as velas vêm da cera suave que numerosas abelhas moldam – tal como a Igreja canta lindamente no hino "*Apis Mater*"<sup>6</sup>; as vestes são oriundas das tecelagens de Lyon, Viena ou Nápoles, trazidas pelo mar a grande custo;

---

<sup>6</sup> Hino Exultet, Praeconium Paschale [N. do T.].

a música é a vibração presente e momentânea do ar, atuada por tubo ou corda; e mesmo assim, tudo isso não forma uma unidade? Não estariam elas indivisivelmente combinadas com a imagem de unidade devido à unidade da veneração, na qual vivem e para qual ministram? Retire essa ideia e o que valem? Todo o espetáculo se torna uma farsa. A veneração confere a elas uma unidade; mas supondo que ninguém naquela assembleia, por maior que seja, creia, ame, ore ou renda graças; supondo que os músicos nada mais fizessem que tocar e cantar [147]; e que o sacristão não pensasse em nada mais que suas flores, luzes e incenso; e que o padre, do mesmo modo, em sua capa sacerdotal e estola; e seus ministros assistentes nada sentissem, nem tomassem parte no que fazem; e ainda que as flores fossem as mais doces, as luzes as mais brilhantes e as vestes mais caras, ainda assim, quem chamaria isso de um ato de absoluta veneração? Não seria um espetáculo, uma falsidade, uma hipocrisia? Por quê? Porque a ideia de unidade ficou ausente, a qual deu vida, força, compreensão harmoniosa e individualidade a muitas coisas de uma vez só, distintas cada uma em si mesma e em sua própria natureza independente dessa ideia.

Tal é a virtude de uma "forma": a elevação do coração a Deus é o princípio vital desta solenidade; ainda assim, ela não sacrifica nenhuma de suas partes constituintes, ao contrário, comunica, a cada uma, certa dignidade, por lhe conferir um significado; ela molda, inspira, individualiza o todo. Ela se volta aos elementos separados que ela usa tal como a alma é para o corpo. É a presença da alma que dá unidade aos vários materiais que compõem a estrutura humana. Por que não consideramos mão e pé, cabeça e coração, coisas separadas? Porque um princípio vivo dentro deles os torna um todo, porque a alma viva lhes dá personalidade. Ela conduz sob a ideia de personalidade tudo o que eles são, sejam o que forem; ela se apropria deles para si, torna-os absolutamente distintos de tudo o mais, embora sejam naturalmente iguais [148], para que, nela, eles não sejam o que são fora dela; ela habita neles, mesmo com diferentes intensidades em alguns, porém com suficiência em todos: em nosso olhar, nossa voz, nossa postura, até mesmo em nossa caligrafia. Mas tão breve ela vai, do mesmo modo se vai a unidade, e não por porções ou graus. Pois, cada parte da estrutura animal é absolutamente alterada de uma só vez e, de uma vez só, o que resta é um cadáver, um agregado de matéria, unido accidentalmente e prestes a ser dissolvido. O que eram suas partes perdeu seu princípio constitutivo e se rebelam contra ele. Era vida, é morte.

Assim, uma forma ou ideia, como pode ser chamada, reúne todas as coisas numa unidade, separando completamente de todas as outras coisas os elementos no qual está impressa. Eles são enxertados nela. A partir daí, eles passam a ter uma intercomunicação e

influência uns sobre os outros que é especial; presente em cada outro; eles passam a pertencer em cada outro mesmo nas porções mais minuciosa deles e não podem pertencer a qualquer outro todo, ainda que algumas dessas porções possam, à primeira vista, parecer admitir isso. Você pode quebrar e demolir o todo, mas não pode encontrar outra maneira de apropriar-se das partes. Um esqueleto humano pode se assemelhar ao de algumas espécies de bestas, mas a presença da alma no homem o diferencia desses animais, não em grau, mas em espécie. Um macaco ou um chimpanzé não é meramente um pouco menos do que a natureza humana e no caminho para se tornar um homem. [149] Ele não poderia estar se desenvolvendo em um homem, menos ainda o homem como ele é atualmente, tanto quanto se pode; tal modo de falar seria simplesmente sem sentido. Ele é uma entidade já completa e o homem é outra; e a semelhança entre eles, embora real, é superficial e resultado de uma abstração mental.

Aqui me lembro de uma doutrina estabelecida pelo Doutor Angélico<sup>7</sup>, que ilustra o que foi dito. Ele afirma que nenhuma ação é indiferente; o que ele quer dizer com isso? Certamente, existem muitas ações que são completamente *indifférent*; falar, parar de falar, comer e beber, ir aqui e ali. Sim, elas são realmente indiferentes em si mesmas; mas não são em tudo *indifférent* quando referidas a esse ou aquele todo em que ocorrem, enquanto feitas por essa ou aquela pessoa. Elas não são indiferentes no individual: elas são *indifférent* no abstrato, não no concreto. Comer, dormir, falar, andar nem podem ser boas nem más, consideradas em sua nudez eidética; mas é algo muito diferente dizer que este homem, neste momento, neste lugar, sendo quem ele é, está nem certo nem errado em comer ou andar. E, além disso, a mesma ação, feita por duas pessoas, é completamente *différent* em caráter e efeito, boa em uma, má em outra. Isso, Cavalheiros, é o que significa afirmar que as ações dos santos nem sempre são modelos para nós. Eles estão certos nelas, mas estariam errados em outras, porque um cristão comum realiza uma ideia, e um santo realiza outra. É por isso [150] que suportamos coisas de algumas pessoas que deveríamos ressentir, se fossem feitas por outras; por outras razões, mas especialmente por isso, que elas não querem dizer a mesma coisa nesses e naqueles casos. Às vezes, a simples visão de uma pessoa que nos ofendeu antes mesmo de termos a conhecido, nos desarma; como, por exemplo, quando imaginávamos que ele era um cavalheiro em posição e educação, e descobrimos que ele não era. Cada homem tem sua própria maneira de expressar satisfação ou aborrecimento, favor ou desgosto; cada indivíduo é um todo e suas ações são incomunicáveis. Portanto, é tão difícil, justamente neste momento em que tantos homens parecem estar se

---

<sup>7</sup> Santo Tomás de Aquino [N. do T.].

aproximando da Igreja, conjecturar de modo tão preciso quem eventualmente se juntará a ela e quem não se juntará; sendo impossível para qualquer pessoa, exceto aos amigos mais próximos, e muitas vezes mesmo para eles, determinar quantas palavras são válidas para cada um em separado, e que palavras devem ser usadas por todos em comum. E daí, novamente acontece que os detalhes que parecem ser apenas acidentes de certos assuntos são realmente necessários para eles; pois embora possam parecer acidentais, vistos em si mesmos, não são [151] acidentais, mas essenciais na conexão em que ocorrem. Assim, quando o homem é definido como um animal que ri, todos sentem que a definição é indigna dessa questão, mas é, suponho, adequada ao seu propósito. Eu poderia falar da conexão singular que às vezes existe entre certas características em indivíduos ou corpos; uma conexão que à primeira vista seria chamada acidental, se não fosse invariável em sua ocorrência e redutível à operação de algum princípio. Assim, foi dito, corretamente ou não, que os seguidores de Whig<sup>8</sup> eram sempre Latitudinários<sup>9</sup> e os seguidores de Tory, frequentemente, infiéis.

Mas devo pôr fim a essas ilustrações – chegando finalmente ao ponto, a razão pela qual as estive perseguindo; eu observo que as mesmas questões de ensino, as Evidências do Cristianismo, os Clássicos, e mais ainda, a Ciência Experimental, a História Moderna e a Biografia, todas elas podem estar certas no lugar próprio delas, como porções de um sistema de conhecimento, suspeitas quando separadas ou em má companhia; desejáveis em um lugar de educação, perigosas ou inappropriadas em outro; porque elas vêm de forma diferente, em uma conexão diferente, em um tempo diferente, com uma direção diferente, de um espírito diferente, em um e em outro. E assim, duas Universidades, assim chamadas, podem quase concordar tanto nos artigos que publicam quanto em seus prospectos anuais, isto é, tal como o homem e certas criaturas, que se assemelham em seus esqueletos, mas simplesmente podem ser antagônicos, se

---

<sup>8</sup> Whig e Tory, membros de dois partidos ou facções políticas opostas na Inglaterra, particularmente durante o século XVIII. Originalmente, “Whig” e “Tory” eram termos de abuso introduzidos em 1679 durante a luta acalorada sobre o projeto de lei para excluir James, duque de York (depois James II), da sucessão. Whig - qualquer que seja sua origem no gaélico escocês - era um termo aplicado a ladrões de cavalos e, mais tarde, a presbiterianos escoceses; conotava inconformismo e rebelião e era aplicado àqueles que reivindicavam o poder de excluir o herdeiro do trono. Tory era um termo irlandês que sugeria um fora da lei papista e era aplicado àqueles que apoiavam o direito hereditário de James, apesar de sua fé católica romana. (Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2020, May 18). Whig and Tory. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/topic/Whig-Party-England>. [N. do T.].

<sup>9</sup> Latitudinarianismo é a doutrina esposada por teólogos, estudiosos e clérigos ingleses da Universidade de Cambridge que também eram anglicanos moderados. Em particular, eles acreditavam que aderir a doutrinas muito específicas, liturgias muito determinadas e formas organizacionais rígidas, como faziam os puritanos era desnecessário e poderia ser até prejudicial: “a sensação de se ter instruções especiais de Deus faz os indivíduos menos acessíveis à moderação e à transigência, ou à própria razão.” Assim, os latitudinários apoiavam um protestantismo de amplas bases [N. do T.].

os mesmos são vistos como instituições vivas e em funcionamento, não como meras preparações de aulas de anatomia.

Desse modo, Cavalheiros, respondo a objeção com a qual eu abri este Discurso. Eu a supus para que me questionassem: que importaria mais ao aluno, ‘quem’ lhe ensinasse assuntos indiferentes tais como lógica, antiguidade ou poesia, ou ‘prá que’ lhe foi ensinado. [152] Respondo que nenhum assunto de ensino é realmente indiferente na verdade, embora possa ser-lo em si mesmo; porque ele assume uma cor do sistema inteiro ao qual pertence e tem um caráter quando visto nesse sistema e outro quando visto fora dele. É consenso que um professor está sob a influência ou a serviço deste ou daquele sistema, assim está à deriva ou, ao menos, o efeito prático do ensino dele varia; Arquésilas<sup>10</sup> não ensinaria lógica como Aristóteles, nem Aristóteles ensinaria poesia como Platão, embora a lógica tenha princípios fixos e a poesia seu clássico reconhecimento; e ao dizer isso, será observado que estou reivindicando para a Teologia nada singular ou especial que não seja partilhado por outras ciências em sua medida. Até onde falei delas, todas vão formar um todo, diferindo apenas de acordo com importância relativa delas. De fato, longe estou de ter pretendido transmitir a noção, nas ilustrações que foram usadas, de que a Teologia está para o conhecimento como a alma está para o corpo; ou que outras ciências são apenas seus instrumentos e apêndices, justamente como todo o ceremonial do ofício divino é apenas a expressão da devoção interior. Isso seria, creio eu, cometer o mesmo erro, no caso da Teologia, que estou acusando outras ciências, nos dias atuais, de cometerem contra ela. Ao contrário, a Teologia é um ramo do conhecimento, e as Ciências Seculares são outros ramos. A Teologia é a mais alta, de fato, e a mais ampla, mas ela não interfere na real liberdade de qualquer ciência secular [153] em seu próprio departamento particular. Isso ficará mais claro à medida que eu continuar; no momento, apenas apontei a simpatia interna que existe entre todos os ramos do conhecimento seja quais eles forem, e o perigo resultante para o próprio conhecimento por meio de uma dissociação entre eles, e o objeto em consequência para o qual uma Universidade é dedicada. Não apenas a Ciência, a Literatura, a Teologia, tampouco o conhecimento simplesmente abstrato, experimental, moral, material, metafísico e histórico, mas todo o conhecimento é levado em conta em uma Universidade, por ser o local especial dessa grande Filosofia, que abrange e localiza a verdade de todo tipo e todo método de alcançá-la.

---

<sup>10</sup> Arquésilas foi um filósofo grego antigo, nascido em 316 a.C. Ele foi o fundador da escola filosófica céтика conhecida como a "Nova Academia". A Nova Academia baseou sua filosofia na ideia de que o conhecimento absoluto não é possível, e que a verdade deve ser procurada continuamente por meio da investigação e do questionamento [N. do T.].

No entanto, como existem ainda muitas questões a serem esclarecidas, posso dizer que tenho feito justiça à grande questão sobre o qual estou engajado; há um mal-entendido prevalente, qual seja, que eu estaria dizendo que hoje estabelecerei o certo de uma só vez; e embora isso seja apenas mais do que outra forma de falácia com o que tenho exposto, ela pode ser útil, até mesmo para a elucidar mais os princípios sobre os quais expus, dedicarei o que resta deste discurso à sua consideração. A questão é [154]: como há ainda muitas pessoas a serem alcançadas que sustentam que a Religião não deveria ser incluída em um curso de Educação, também há muitos que pensam que um compromisso pode ser efetivado entre aqueles incluiriam e os que não a incluiriam, ou seja, introduzir certa porção e nada além disso; e, por certa porção, querem dizer justamente o que eles supõem que Católicos e Protestantes sustentam em comum. Dessa forma, eles esperam, por um lado, evitar o ódio daqueles que desaprovam a exclusão da religião geral no ensino, por outro, evitaria igualmente qualquer demonstração de contrariedade entre sistemas contrários de religião e qualquer controvérsia desagradável entre partes que, embora possam diferir, não ganharão nada discutindo. Agora, eu respeito demais as motivações dessas pessoas para não dar minha melhor atenção ao expediente que elas propõem: seja que os defendem a introdução de nenhuma religião na educação ou dessa "religião geral", como eles a chamam, em ambos os casos, a paz e a caridade, objetos que eles professam, são de natureza tão celestial que dão uma espécie de dignidade até mesmo àqueles que as perseguem por caminhos impossíveis; ainda assim, acho muito claro que as mesmas considerações que são decisivas contra a exclusão da Religião da Educação são decisivas também contra sua generalização ou mutilação, pois as palavras têm praticamente o mesmo significado. A "Religião Geral" é na verdade nenhuma religião. Não se pense que a conclusão seja severa, à qual sou levado pelos princípios [155] que estabeleci na primeira parte deste Discurso; mas está posto, penso eu, que, além de qualquer disputa pressupondo esses princípios, católicos e protestantes, vistos como grupos, não têm nada em comum em religião, embora possam parecer tê-lo.

Esta é a resposta que devo dar à proposição de ensinar "religião geral". Eu poderia, de fato, desafiar a qualquer um a me apresentar detalhadamente os artigos precisos da fé Católica mantidos pelos Protestantes "em geral"; ou poderia chamar a atenção para o número de verdades católicas que devem ser sacrificadas, independentemente de quão amplo seja o alcance das doutrinas cujo Protestantismo deva fazer para abraçá-lo; mas não irei às questões meramente factuais e detalhistas: prefiro jazer a questão sobre a base de um princípio e afirmo que, assim como todos os ramos do conhecimento formam uma unidade, assim, muito mais cada ramo em

particular é um todo em si mesmo; que cada um é uma ciência, assim como todos são uma Filosofia, e que ensinar metade de qualquer todo é realmente não ensinar nenhuma parte dele. Homens entendem muito bem isso nas questões do mundo, mas quando o assunto é Religião, eles as esquecem. Por que nenhum dos Whigs e dos Tories formam alguma política comum e um ministro de coalizão sobre a base deles? Ou mesmo nenhum senso comum, como o interesse partidário, os mantém separado? É bem verdade que dogmas ‘gerais’ poderiam ser produzidos a fim de que ambos os grupos concordassem; ambos, Whigs e Tories, são leais e patriotas, ambos defendem as prerrogativas razoáveis do Trono e [156] os direitos justos do povo; no papel, eles concordam admiravelmente, mas quem não sabe que lealdade e patriotismo têm um significado na boca de um Tory e outro na de um Whig? Lealdade e patriotismo, nenhuma dessas qualidades é o que é abstratamente, quando é enxertada num Whig ou num Tory. O caso é o mesmo com a Religião; a ordem estabelecida, por exemplo, aceita da Igreja Católica a doutrina da Encarnação; mas, ao mesmo tempo, nega que Cristo esteja presente no Santíssimo Sacramento e que Maria seja a Mãe de Deus; quem, por ventura, afirmará que aqueles de seus membros que sustentam a Encarnação, o fazem em virtude de sua filiação? A ordem estabelecida, de fato, não consegue sustentar uma Doutrina Católica: uma parte é aceita e a outra é posta de lado. A Encarnação não tem o mesmo significado para quem a mantém e para quem negam aquelas duas verdades anexas. Portanto, seja o que ele possa professar sobre a Encarnação, qualquer Protestante não tem sustentação real, nem compreensão da doutrina, você não pode se assegurar dele; a qualquer momento é possível encontrá-lo assustado e maravilhado, como numa novidade, em declarações implícitas nela, ou proferindo declarações simplesmente inconsistentes com as ideias deles. O Catolicismo é uma unidade, e o protestantismo não tem parte nele. Da mesma forma, o Catolicismo e o Maometanismo são, cada um [157], individuais e distintos entre si; no entanto, eles têm muitos pontos em comum no papel, como a unidade de Deus, a Providência, o poder da oração e o julgamento futuro, sem falar na missão de Moisés e Cristo. Essas doutrinas comuns, se assim nos apetece chamar, são ‘Religião Natural’ ou ‘Religião Geral’; e, portanto, são abstratas e ninguém pode duvidar que Maometanos ou Judeus eram numerosos naqueles países, assim como torná-las oportunas pelo Governo da época; por isso, assumiria absolutamente essa visão, com o objetivo de estabelecer os *National Colleges* na base de tais doutrinas comuns; de fato, embora sejam doutrinas comuns, tanto quanto soam as palavras, elas não são o mesmo, como fatos vivos e respiráveis, pois muitas palavras semelhantes tem um movimento e um espírito quando procedendo

respectivamente de uma boca judia ou maometana ou católica. Elas são enxertadas em diferentes ideias.

Agora, receio que isso parecerá uma doutrina difícil para alguns de nós. Há aqueles, a quem é impossível não respeitar e amar, de mentes amáveis e sentimentos caridosos, que não gostam de pensar desfavoravelmente de qualquer um. E, quando encontram alguém que difere deles em questões religiosas, não suportam pensar que difere deles em princípio ou que se move em uma linha na qual progrediu por séculos, sendo levado, porém, além deles, em vez de alcançá-los. O deleite deles é pensar que se sustenta o que eles sustentam, não apenas o suficiente; e que ele está certo até certo ponto. Tais pessoas são muito lentas em acreditar que um esquema de educação geral, que deixa a Religião mais ou menos de lado, *ipso facto* se separa da companhia da Religião; pois tentam pensar, tanto quanto podem, que apenas certas ausências é o caso daquilo que não é tão religioso como poderia ser. Em resumo, eles pertencem àquela escola de pensamento que não admite que: uma meia verdade seja um erro, e nove décimos de uma verdade não seria melhor; que a mais terrível discórdia é próxima da harmonia; e que os princípios intelectuais se combinam, não por um processo de acumulação física, mas em unidade da ideia.

No entanto, não há equívoco, talvez, que não tenha algo de verdadeiro e tenha algo a dizer por si mesmo. Talvez reconcilie as pessoas em questão com a doutrina que estou propondo, se eu declarar até onde posso ir junto com elas; pois, em certo sentido, o que elas dizem é verdadeiro e é apoiado por fatos. É verdade também que os jovens podem ser educados em Colégios Mistas do tipo que estou supondo, ou mesmo em Colégios Protestantes, e ainda assim podem sair deles tão bons católicos quanto entraram. Também é verdade que se encontre protestantes que, na medida em que professam a doutrina católica, realmente a sustentam, no mesmo sentido em que um católico a sustenta. Concedo tudo isso, mas afirmo, ao mesmo tempo, que tais casos são excepcionais; o caso de indivíduos é uma coisa, o de corpos ou instituições é outra; não é seguro argumentar de indivíduos para instituições. Algumas palavras explicarão o meu significado.

Há, sem dúvida, tais fenômenos que podem ser chamados de verdades, crenças e filosofias iniciais [159]. Seria irracional e superficial negá-los. Os homens, sem dúvida, podem crescer em uma ideia por graus, e então, no final, estão se movendo na mesma linha em que estavam no início, não em uma linha diferente, embora possam durante o progresso ter mudado sua profissão externa. Assim, uma escola ou partido sai de outro; a verdade da mentira, a mentira da verdade; água, de acordo com o provérbio, sufoca, e o bem vem de Nazaré. Assim,

eternamente distintos como são a ortodoxia e a heresia, os mais católicos Padres e os piores hereges pertencem ao mesmo ensino ou ao mesmo partido eclesiástico. São João Crisóstomo vem dessa teologia síria, que é mais propriamente representada pelos heterodoxos Diodoro e Teodoro. Eutiques, Dióscuros e sua facção estão intimamente ligados na história com São Cirilo de Alexandria. Toda a história do pensamento e do gênio é a de uma ideia nascendo e crescendo a partir de outra, embora as ideias sejam individuais. Alguns dos maiores nomes em muitos departamentos diversos de excelência, metafísica, política ou imaginativa, saíram de escolas de caráter muito diferente do próprio. Assim, Aristóteles é um aluno da Academia, e o Mestre das Sentenças é um ouvinte de Pedro Abelardo. Da mesma maneira, para tomar uma ciência muito diferente, li que as primeiras composições musicais desse grande mestre Beethoven foram escritas no estilo de Haydn<sup>11</sup>, e que, até uma certa data, ele não compunha [160] em seu estilo próprio. O caso é o mesmo com homens públicos; eles são chamados de inconsistentes quando estão apenas desaprendendo sua primeira educação. Em tais circunstâncias, como no caso do lamentado Sir Robert Peel<sup>12</sup>, passou-se um tempo antes que a mente fosse capaz de discriminar por si mesma entre o que era realmente seu e o que apenas herdou.

Qual é o estado atual da mente em seu curso de mudança em qualquer assunto? Por algum tempo, talvez, a mente permaneça satisfeita na casa da juventude, na qual originalmente se encontrava, até que no devido tempo, a ideia especial, seja lá de onde ela teria vindo, cuja instância última forma-a e governa-a, começa se mexer; e gradualmente energizando cada vez mais, crescendo e se expandindo, de repente rompe os laços dessa ocupação externa, que, embora primeira, nunca foi realmente a sua morada adequada. Durante esse intervalo, ela usa a linguagem que herdou e pensa que é verdadeira; mas, ao mesmo tempo, seus próprios pensamentos genuínos e modos de pensar estão germinando, se ramificando e penetrando no antigo ensinamento que só em nome lhe pertence; até que suas manifestações externas sejam claramente inconsistentes entre si, embora mais cedo na apreensão dos outros do que na sua própria, talvez até por um tempo ela mantenha o que recebeu pela educação com mais veemência, para manter sob controle ou guardar as novas visões [161] que se lhe abrem, e que a assustam pela sua estranheza. O que acontece na Ciência, Filosofia, Política ou nas Artes, pode acontecer, penso eu, na Religião também; há uma coisa tal como uma fé incipiente ou um

---

<sup>11</sup> Haydn foi um dos mais importantes compositores do período clássico da música ocidental [N. do T.].

<sup>12</sup> Sir Robert Peel foi um político britânico que viveu entre 1788 e 1850. Ele foi duas vezes primeiro-ministro do Reino Unido e é conhecido por ter criado a primeira força policial profissional do país, a Polícia Metropolitana de Londres, e por ter revogado as Leis dos Cereais, que impunham restrições à importação de grãos. Ele também desempenhou um papel importante na reforma do sistema eleitoral britânico e na emancipação católica na Irlanda [N. do T.]

credo incompleto, que não é plenamente católico ainda, mas, em certa medida, não deixa de ser, pois tende ao catolicismo e está a caminho de alcançá-lo, isso se, no caso, estiver suficientemente feliz para alcançá-lo ou não. E desde o início, tal credo, tal teologia, era, tal como concebo, obra de um princípio sobrenatural que, exercitando-se primeiro nos rudimentos da verdade, terminaria em sua perfeição. O homem não pode determinar em que instâncias aquele princípio de graça está presente e em qual não está, exceto quando por o caso; mas seja lá o que ele for, se pode ou não ser verificado pelo homem, se ele alcança seu destino, que é a Catolicidade, ou se é, em última instância, frustrado e falho, em todos os casos a Igreja reivindica aquele trabalho como seu; porque tende para ela, porque é reconhecido por todos os homens, mesmo inimigos, como pertencente a ela, porque vem daquela o poder divino, que é dado a ela em plenitude, e porque antecipa porções daquele credo divino que é confiado a ela como um depósito eterno e infalível. E, nesse sentido, é perfeitamente verdade que um protestante pode aceitar e ensinar uma doutrina do catolicismo sem aceitar ou ensinar outra; mas então, como eu disse, ele está no caminho para aceitar outras, no caminho para professar todas, e [162] é inconsistente se não o fizer, até que o faça. Na verdade, ele já está se aproximando da verdade total, a partir da própria circunstância de compreender qualquer parte dela. Sinto isso tão fortemente que considero que não é paradoxal dizer que, se um homem apenas dominar a doutrina com a qual comecei estas discussões, a existência de um Deus, se ele realmente e verdadeiramente, e não apenas em palavras ou por profissão herdada, ou nas conclusões da razão, mas por uma apreensão direta, for um monoteísta, ele já está três quartos do caminho para o catolicismo.

Tudo isso se aplica aos indivíduos, embora nada posso fazer aos professores individuais neste discurso, apenas com sistemas, instituições e corporações. Certamente há indivíduos protestantes que, longe de tornarem seus alunos católicos em protestantes, levam seus alunos protestantes ao catolicismo; mas não podemos legislar com base em exceções, nem podemos dizer com certeza onde esses casos excepcionais estão antes que eles ocorram. Quanto às corporações de homens, políticos ou religiosos, nós podemos afirmar, com segurança, que são o que professam ser, talvez piores, certamente não melhores; e, se quisermos estar seguros, devemos olhar para seus princípios, não para este ou aquele indivíduo que eles possam apresentar para uma ocasião. Metade do mal que acontece em assuntos públicos surge do erro de medir partidos não pela sua história e posição, mas pelas suas manifestações accidentais do momento, do lugar ou da pessoa. Quem diria, por [163] exemplo, que a Igreja Evangélica da Prússia tem verdadeiras afinidades com o catolicismo; e, no entanto, quantas palavras bonitas

alguns de seus apoiadores usam e quão favoravelmente dispostos à Igreja parecem ser, até que são interrogados e sua heterodoxia radical é trazida à tona! Não faz muitos anos desde que, por meio de suas "doutrinas comuns", como eles chamam, eles persuadiram um corpo eclesiástico, tão diferente deles como qualquer corpo protestante que se possa nomear, refiro-me ao partido dominante da Igreja da Inglaterra, a se juntar a eles na fundação de uma sé episcopal em Jerusalém, um projeto tão absurdo quanto odioso quando visto sob um aspecto religioso. Tais são também as perseverantes tentativas que excelentes homens da Igreja Anglicana têm feito para promover uma melhor compreensão entre os gregos ou russos e sua própria comunhão, como se a Igreja Oriental não fosse formada em um tipo, e a Igreja Protestante em outro, ou como se o processo de união entre eles fosse algo menos que a impossível tarefa de fundir dois indivíduos em um só. E o caso é o mesmo em relação às chamadas: aproximações de corporações ou instituições heterodoxas em direção ao catolicismo. Os homens podem ter imaginações fervorosas, sentimentos calorosos ou temperamentos benevolentes; eles podem estar muito pouco cientes de quão distantes estão do catolicismo; eles podem até se autodenominar amigos dele e ficarem decepcionados por não serem reconhecidos; eles podem [164] admirar suas doutrinas, podem pensar que somos desamorosos por não nos encontrarmos com eles pela metade do caminho Enquanto isso, eles podem não ter nada daquela forma, ideia, tipo de catolicismo, nem mesmo em sua condição inicial, que eu permiti para alguns indivíduos entre eles. Tais são os políticos liberais, os filósofos e escritores liberais, que são considerados pela multidão como sendo um conosco, quando, infelizmente, eles não têm parte nem lote com a Igreja Católica. Muitos poetas, muitos escritores brilhantes, desta ou de gerações passadas, tomaram sobre si admirar, ou foram considerados entender, a Mãe dos Santos, com base apenas nesta visão superficial de algumas de suas linhas. É por isso que algumas pessoas foram tão surpreendidas com o recente surto contra nós na Inglaterra, porque imaginaram que os homens seriam melhores do que seus sistemas. É por isso que temos que lamentar, no passado e no presente, a recusa resoluta de homens instruídos na Igreja da Inglaterra, que pareciam ou parecem chegar mais perto de nós. Pearson, ou Bull, ou Beveridge, quase tocam as portas da Cidade Divina, mas eles as buscam em vão; pois tais homens são formados em um tipo diferente de catolicismo, e as doutrinas mais católicas deles não são católicas neles. Em vão são os pensamentos mais eclesiásticos, as mais amplas concessões, as aspirações mais promissoras, os sentimentos mais fraternais, se não são uma parte integrante daquele tipo intelectual e moral, que é [165], em última instância, da graça divina, e do qual a fé, não a sabedoria carnal, é a característica. O evento mostra isso, como no caso daqueles muitos que, com o passar do tempo,

depois de parecerem se aproximar da Igreja, recuam dela. Em outros casos, o evento não é necessário para sua detecção por católicos que estão próximos a eles. Eles têm consciência de algo diferente do catolicismo em sua aparência, postura ou tom, que eles não podem analisar ou explicar, mas que não podem confundir. Eles podem não ser capazes de identificar um único erro definitivo; mas, à medida que sua percepção espiritual ou precisão teológica aumenta, eles reconhecem ou o herege incipiente dentro do pálido da Igreja, ou o investigador desesperançado fora dela. Seja qual for o caso, ele começou errado; e, por mais longa que tenha sido a estrada, ele precisa voltar e começar novamente. Assim é com as corporações, instituições e sistemas dos quais ele é o exemplar; eles podem morrer, mas não podem ser reformados

E agora, Senhores, cheguei ao fim do meu discurso. Ele foi apresentado de forma tão proeminente durante o curso da discussão que resumir é quase nada mais do que repetir o que já foi dito muitas vezes [166]. O Credo Católico é um todo unificado, e a Filosofia também é um todo unificado; cada um pode ser comparado a um indivíduo, ao qual nada pode ser adicionado, do qual nada pode ser retirado. Eles podem ser professados, ou não, mas não há meio-termo entre profissão e não profissão. Uma universidade, chamada assim, que se recusa a professorar o Credo Católico é, por natureza, hostil tanto à Igreja quanto à Filosofia.